

**A grande missão e o verdadeiro amor do século XIX: a escrita da história de Ernest Renan (1848-1863)**

THIAGO AUGUSTO MODESTO RUDI\*

*Defendemo-nos ainda, afinal de contas, contra a psicologia do tipo daquela de Sainte-Beuve e de Renan, contra esta maneira de espionar e de farejar as almas praticada por estes gozadores afeminados do espírito e desprovidos de espinha dorsal: nos parece indecente vê-los apalpar com os seus dedos curiosos os segredos dos homens e das épocas que foram sob todos os pontos de vista mais elevados, mais severos, mais profundos e mais nobres do que eles; pois estas épocas não teriam facilmente aberto as suas portas a qualquer vagabundo do sexo ambíguo. Mas este século XIX, que perdeu qualquer sentido mais delicado da hierarquia, não sabe mais bater nos dedos dos intrusos, dos indesejáveis, dos assaltantes; pelo contrário, ele fica orgulhoso com o seu “espírito historiador”, graças ao qual é permitido ao plebeu esforçado, contanto que carregue os seus instrumentos de tortura e as suas folhas de pesquisa, introduzir-se na sociedade por mais fechada que seja, entre os santos da consciência moral e também entre os mestres eternamente velados do espírito (NIETZSCHE, 2005:341-342).*

Em 1885, ao denunciar o característico “espírito historiador” do século XIX, Friedrich Nietzsche (1844-1900) contribuía para a repetida inserção de Ernest Renan (1823-1892) no rol dos grandes nomes da historiografia oitocentista. Renan, um dos “plebeus esforçados”, possuía os requisitos basilares para o posto de “bufão”: carregar várias folhas de pesquisa, espionar, farejar, apalpar e penetrar com dedos curiosos os segredos de épocas passadas<sup>1</sup>. Renan, entretanto, não foi o único “mestre” oitocentista, pois, como Gabriel Monod (1844-1912) ressaltava, em 1894, não poderíamos diminuir a glória e o mérito de historiadores como Augustin Thierry (1795-1856), Guizot (1787-1874), Mignet (1796-1884) e Fustel de Coulanges (1830-1889). Tal ressalva introduzia, porém, a escolha de três “mestres” que ajudavam a resumir o que havia de essencial na obra histórica de seu século: a Jules Michelet (1798-1874), “historiador Ezequiel” e “criador”, foi atribuído o objetivo de devolver a vida ao passado por meio da narrativa, a Hippolyte Taine (1828-1893), “historiador filósofo”, coube o desprender a filosofia das ações humanas, descobrindo as leis científicas que as regem e a Renan, um “historiador crítico”, restava a função de criticar as tradições, os documentos e os fatos. Mesmo que essa função coubesse a Renan, ele não cabia nessa função, pois era

---

\* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Campus de Franca. Pesquisa realizada sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Karina Anhezini de Araujo e financiada pela CAPES. E-mail: thiagomrudi@hotmail.com.

<sup>1</sup> As relações entre as obras de Nietzsche e de Renan foram objetos de variados pesquisadores, dentre os quais, destacam-se os seguintes: (SHAPIRO, 1982; SANTANIELLO, 2000; CHAVES; SENA, 2008).

semelhante a Michelet pela imaginação e aproximava-se de Taine pela busca da verdade científica. Renan, enquanto um sujeito que combinava e resumia as três partes da ciência histórica do Oitocentos<sup>2</sup>, talvez fosse melhor definido, então, como o mestre que determinou e desembaraçou as condições e os limites do conhecimento histórico (MONOD, 1894). Quatro anos mais tarde, em 1898, Charles-Victor Langlois (1863-1929) e Charles Seignobos (1854-1942) lançaram a obra *Introduction aux études historiques* e estavam de acordo com esse modelo de historiador evidenciado em Renan, mas vetavam a possibilidade de se pensar a história a partir de abstrações e de leis, acreditando, assim, torná-la uma ciência (LANGLOIS; SEIGNOBOS, 1898). Nessa obra de metodologia histórica, procuraram examinar as condições, os procedimentos, o caráter e os limites do conhecimento histórico. Com esses intuitos, Renan e sua obra *L'avenir de la Science* (RENAN, 1890)<sup>3</sup> foi citada em diversos momentos do livro de Langlois e Seignobos para comprovar, dentre outras coisas, que o ano de 1848 representava o marco inicial da reflexão a respeito dos métodos das ciências históricas e, desde então, Renan disse as coisas mais “justas e fortes” sobre tais ciências.

Essas respostas e prescrições foram bastante relevantes para a confecção da dissertação de Mestrado na qual parti de uma questão em comum: como se escrevia a História em meados do século XIX? Por meio da leitura dos livros e artigos de Renan e das atas das instituições que esse autor fora membro, o trabalho buscou compreender os procedimentos e as concepções que nortearam sua escrita da história<sup>4</sup>. Com o intuito de expor os principais resultados dessa pesquisa, o presente texto, ao eleger alguns escritos de Renan que tomaram a história e os historiadores como objetos, construiu seu percurso entretecendo as seguintes questões: Qual o projeto de ciência histórica evocado nos escritos de Renan? Quais procedimentos, conceitos e noções eram utilizados para se atribuir valor científico à historiografia no século XIX? Por meio de quais leis e critérios as ciências puderam se tornar históricas? Como a própria disciplina histórica poderia se tornar uma dessas ciências no século XIX?

---

<sup>2</sup> Dentre as atualizações dessa tese-projeto de Monod para a historiografia oitocentista, podemos sublinhar as seguintes: (GAUCHET, 1988; DELACROIX; DOSSE; GARCIA, 2012).

<sup>3</sup> Obra escrita entre 1848 e 1849, publicada em 1890.

<sup>4</sup> Essa pesquisa de Mestrado também foi realizada sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Karina Anhezini de Araujo, de 2012 a 2014, com fomento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP (Processo nº 2012/11618-2). O seu principal resultado foi a escrita da Dissertação de Mestrado que se intitula: *A grande missão do século XIX e a escrita da história de Ernest Renan (1848-1863)* (RUDI, 2014).

Ao seguir uma das repetidas indicações oitocentistas, pode-se iniciar esta descrição com o livro de Renan que inaugurou, em 1848, a reflexão sobre os métodos das ciências históricas: *L'avenir de la Science* (RENAN, 1890). Nessa obra preocupada com o futuro da ciência e escrita entre os anos de 1848 e 1849, Renan procurou lidar com os diversos problemas e funções da ciência produzida a partir dos tempos modernos. Cabe perguntar, então, de qual ciência se trata? Qual foi o projeto de ciência histórica evocado por esse texto? Segundo Renan, em tal raciocínio, haveria uma sequência fundamental: primeiro seriam estabelecidos os objetos e depois dever-se-ia dizer de suas respectivas ciências. Nesse sentido, a “recente” constituição de um objeto denominado “espírito humano” evocava, necessariamente, a construção de uma ciência: a “história do espírito humano”. Com essa definição, outros objetos poderiam ser imaginados: caso as línguas fossem pensadas como objetos, sua ciência seria uma história das línguas; caso as literaturas e as religiões fossem tomadas como objetos, uma história das literaturas e das religiões seria construída. A repetição renaniana tinha o poder de revelar uma regra na qual a história seria a forma necessária da ciência de tudo o que estivesse no devir. Por meio da erudição de fatos e rastros que muitas vezes pareciam insignificantes, dever-se-ia construir a história do espírito humano. Era necessário, para tanto, transformar todas as produções humanas em fatos e, assim, uma religião e até um singelo livro poderiam ser fatos. Na heterogeneidade desse grupo de ciências que deveriam ser chamadas de “*ciências da humanidade*”, Renan encontrou uma característica que o atravessaria: sua humildade, ou seja, sua preocupação com cada humano, com cada um de seus restos e rastros. Se todos os homens do passado seriam importantes em sua individualidade, muitos dos homens do presente seriam necessários para um trabalho minucioso e escrupuloso. Deveria ficar claro, portanto, que a verdadeira ciência não poderia se inquietar diante da humildade de seus meios e de seus resultados primeiros, pois as grandes e cobiçadas “histórias gerais” apenas se tornariam possíveis depois de muitas monografias sobre a totalidade dos pontos. Por isso, o século XIX também poderia ser caracterizado como o século das monografias. Ciente da dispersão e do isolamento das pesquisas resultantes de tal caráter, Renan propunha, após a reunião de muitos trabalhadores, uma organização do trabalho científico. A visibilidade de um humilde grupo de ciências da humanidade, além de tornar possível essa grande, difícil e nobre missão (TURIN, 2009), conhecida como história do espírito humano, revelava outra união capaz de definir o caráter de uma época e de

construir uma marcha para o seu desenvolvimento. Se a filologia e a filosofia, quando separadas, tornavam difícil a tarefa de determinar suas respectivas funções, unidas, elas auxiliavam a história. A filologia, fornecedora de materiais para a história, e a filosofia, presente em todas as ciências, definiam para a história um lugar entre a erudição e a reflexão.

As mais de 500 páginas desse projeto para o futuro da(s) ciência(s), especialmente, daquelas que construíram o “espírito humano” como objeto e as obras humanas como fontes, foram publicadas em conjunto apenas em 1890. Ao consultar alguns amigos, Renan foi dissuadido a fazer sua entrada no mundo literário com tal obra. Dentre tais amigos, um “homem excelente” chamado Augustin Thierry (1795-1856), com “as bondades de um pai”, previa um completo fracasso junto ao público e aconselhou Renan a dar artigos de assuntos variados a algumas revistas e jornais. Passados sete anos, tais conselhos chegaram ao limite da efetividade, pois o próprio Thierry se tornou um dos objetos, um dos assuntos variados dos artigos renanianos. Em 1856, Renan anunciava a morte de Thierry, narrando que, após “três dias de uma lenta agonia”, desaparecia “uma das glórias mais puras” da França, um historiador “insaciável de perfeição”, o único com o direito de “levar ao túmulo a satisfação da obra acabada” (RENAN, 1856).

No mês de janeiro do ano seguinte, acompanhados de pedidos de perdão, dois artigos de Renan foram publicados com o intuito de prestar uma homenagem ao “eminente historiador” que a França perdera (RENAN, 1857a, 1857b). Mesmo diante da “vida quase milagrosa”, da “luta heroica” dessa lenda chamada Thierry, a homenagem não deveria fazer “elogios ordinários”, ela possuía apenas o objetivo de “mostrar o valor científico” de sua obra. A partir desse desejo, algumas questões podem ser feitas: como se atribuía valor científico à historiografia no século XIX? Quais os procedimentos necessários para essa prática? Evocada nesses textos de Renan, percebe-se que a exposição do que Thierry sabia, das condições e possibilidades para esse saber, de suas consequências e lições foi uma regra central<sup>5</sup>. Prova de como as “vocações são irresistíveis”, Thierry já sabia desde cedo que a história seria a sua “missão” e a característica do século XIX, assim como foi a filosofia para o século XVIII. O “paradoxo” do jovem Thierry tornara-se uma “verdade plenamente realizada” em meados do Oitocentos: “sim, a história é, em um sentido, a criação própria e original do nosso tempo”

---

<sup>5</sup> Dentre os diversos estudos que relacionam Thierry e as tensões e possibilidades da historiografia no início do século XIX, destaco os seguintes: (BREISACH, 1994; HARTOG, 2003; DELACROIX; DOSSE; GARCIA, 2012; GAUCHET, 1986, 1988).



(RENAN, 1857a, tradução nossa). Cada século teria um “gênero particular de literatura” pelo qual se exprimir e, como já se sabia, a “idade” da espontaneidade e das criações originais havia passado. Nessa impotência do século XIX estaria a “causa” de sua “superioridade em história”. Dentre várias transformações, a “amplidão dos acontecimentos” que marcaram o final do século XVIII e o início do XIX formou “uma excelente condição para a inteligência do passado”. Mais do que na “rigidez dogmática” do século XVII, mais do que na “aspereza filosófica” do século XVIII, o século XIX era um momento favorável para “compreender movimentos”. “Entendida assim, não é nenhum exagero dizer que a história não tem quarenta anos [...]” (RENAN, 1857a, tradução nossa).

Para determinar o valor científico da obra de Thierry, Renan precisou, antes, dizer das condições originais do século XIX, de suas relações com os séculos anteriores e, a construção desse recorte cronológico geral e pautado, especialmente, nos gêneros de literatura de cada tempo permitiu, sem exagero, identificar a “idade” da história. Se essa cronologia incomodava, pois era de conhecimento de muitos a existência de importantes historiadores desde a Antiguidade, ela também implicava com outro critério para “medir” a cientificidade histórica: as formas dos historiadores sentirem o tempo. Dos importantes historiadores da Antiguidade até, pelo menos, Mézeray (1610-1683), historiógrafo da França, no século XVII, não seria possível encontrar o que o século XIX requeria para a “inteligência crítica de épocas remotas”, não havia o “sentimento imediato da vida do passado”, mas apenas contrassensos, “enormes anacronismos” e julgamentos feitos exclusivamente na “medida do presente”.

Para investigar essa “conquista” de Thierry, para compreender as linhas fundamentais de seu método, foi importante que Renan considerasse os “autores” e as “escolas” com os quais Thierry construiu sua escrita da história, bem como as instituições e coleções que permitiram o surgimento de algo novo na historiografia francesa. Essas preocupações ajudaram, inclusive, a certificar a data de nascimento da história, pois era sabido que Thierry, desde 1817, leu Fauriel (1772-1843), Chateaubriand (1768-1848) e Walter Scott (1771-1832), para expor seu método. Esse momento seria dominado por uma “antiga escola”, uma “história falsa”, “mediocre”, “erigida em teoria nacional”, intolerante como um dogma e representada por nomes como os de Millot (1726-1785), Anquetil (1723-1806) e Velly (1709-1759). Até havia um “futuro melhor”, localizado nas “coleções beneditinas” continuadas pela *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, o “santuário da erudição”, mas, além de Thierry, poucos



eram os leitores, poucos eram os homens destinados a escrever as “verdadeiras imagens do passado”.

Dizer do valor científico de uma obra historiográfica, no século XIX, também significava a escolha de cânones e de vetos na construção de verdadeiras imagens daquele presente. Após a narração dessa “conquista” de Thierry em relação a uma “antiga escola”, Renan se dedicou à descrição de “escolas” e “teorias” da história contemporâneas ao “ilustre mestre”. Enquanto na obra de Thierry seria possível achar a “intuição direta dos sentimentos e das paixões do passado” e a “ação dos homens”, outros historiadores, voltados à “especulação”, viam “fórmulas gerais” e “desenhos providenciais”. Tal afirmação não era uma crítica à “escola” que via, nos casos desse mundo, a “aplicação de leis superiores” já que a história admitiria tanto a teoria abstrata quanto a narrativa minuciosa; bastava olhar o “conjunto” para se perceber as “razões profundas”. É assim que a “história teórica” e a “história narrativa” se completariam; é assim que, de alguma forma, como exemplifica Renan, Thierry e Guizot se completariam na construção do grande edifício da história.

A exposição das tensões entre diferentes escolas e teorias da história possibilitou que Renan objetivasse o “charme” dos escritos de Thierry, ou seja, a capacidade desse historiador de mostrar imagens e personagens com “expressão” e “relevo”, revestidas de “luz e vida”. Nesse “gênero de restituição”, poucos historiadores teriam superado Thierry; ele sabia “tirar” e “descobrir” nas “letras mortas” tudo sobre as relações sociais e costumes de outras épocas. Quando Renan fazia algumas pesquisas para Thierry, ficava admirado com a “viva e rápida” “*opération*” pela qual o “mestre” tomava o “documento original”, o “envolia” e o assimilava à sua narrativa. Mesmo quando os “olhos debilitados” de Thierry não permitiam a leitura dos “monumentos escritos”, seu “dom singular de intuição” era levado à arquitetura. Assim como na “visão de Ezequiel”, nada de importante escapava dos olhos de Thierry cujo “sopro fecundo” de “eminente historiador” transformava “ossadas dispersas” em homens vivos.

O charme da operação de Thierry e a “alma” dessa história, foram buscados, por Renan, no conjunto de ideias chamadas de liberalismo pela Restauração. A ideia das “*nationalités*”, “base de seu sistema histórico”, muito se relacionaria com as lutas políticas nas quais Thierry teria se envolvido durante a juventude. Devido a esse aspecto, Thierry foi criticado pela falta de “impessoalidade passiva”; ele não atenderia a necessidade de apenas reproduzir, sem transformações, os “dados” documentais. Renan salientaria, porém, que a



“inteligência do presente” era fundamental para a história e, não obstante, sabia-se que os “mestres” beneditinos, ao publicarem documentos, colocaram uma “condição da história”, mas não a fizeram, pois para quem não sabia “animá-los”, os documentos eram mudos.

Ao pensar essa relação dos historiadores com os documentos, aliás, Renan marcava outra diferença significativa para o momento de Thierry que descobria os documentos no sentido de dar-lhes novos valores e usos para a escrita da história (RENAN, 1857b). Essa “renovação dos estudos históricos” teria se dado pela iniciativa de Guizot, Villemain (1791-1870) e Cousin (1792-1867). Esses três ministros, além de possibilitarem novas “vistas” para a história política, literária e filosófica, proveram a ciência de tantos textos quanto um compilador poderia fornecer. Ao falar da importância desses ministros, Renan se apressa em evitar a volta ao debate a respeito das (im)possibilidades da escrita da história quando relacionada à vida política. Ele apenas salientaria que a Restauração junto ao liberalismo seria fundamental para toda produção intelectual. É que outro problema dos estudos históricos precisava de uma resolução mais urgente: os historiadores deveriam preocupar-se unicamente com a “exatidão dos detalhes” ou fazer também “generalizações ousadas”? “A história, como a entendeu o Sr. Thierry, é muito menos verdadeira no detalhe que no conjunto” (RENAN, 1857b, tradução nossa). E, para Renan, era necessário escolher entre os “dois sistemas”, ou seja, entre o primeiro que faria apenas a “história geral”, traçando as grandes linhas de revoluções e o segundo, que aceitaria as “circunstâncias”, não como “verdade absoluta”, e sim como traços de costumes dignos de consideração.

Com ou sem detalhes, era incontestável a necessidade dos documentos para que a história chegasse à verdade. O problema, no entanto, surgiria com a “descoberta” de novos documentos e, conseqüentemente, de erros circunstanciais de alguns historiadores. Por conta disso, outras reprovações cairiam sobre Thierry. Segundo Renan, todas as generalizações seriam atacáveis e a única maneira de fugir dos ataques era limitar-se às “insignificantes particularidades”. Mas essa história, sem imaginação, que apenas reproduz documentos, além de ser a “mais falsa de todas”, caracterizaria uma “mentira”. Já a maneira que Thierry fazia história... Essa sim tinha mais chances de alcançar a verdade. “A história, aliás, é uma arte tanto quanto uma ciência [...]” (RENAN, 1857b, tradução nossa). A “perfeição da forma” era tão essencial quanto a perfeição das especificidades. Também nesse quesito, Thierry seria



incomparável. Sua “pintura”, sem “tons salientes” e sem “procedimentos artificiais de *couleur locale*”, resultaria dos “fatos vivamente apresentados”.

Com a morte desse historiador que possuía a arte do reavivamento de passados, restava o conforto de sua “grande lição moral”. Seu “espírito de investigação”, seu “apetite de verdade” faziam “abraçar” e “suportar” a vida com “ardor” e “coragem”. Ao investigar o valor científico das obras de Thierry, Renan aprendeu que a história era uma obra imortal tais como são a arte, a ciência e a religião. Com coragem e amor de verdade, Renan, em 1862, pronunciava sua lição inaugural no *Collège de France* e, praticando mais uma vez seu projeto de ciência histórica e de uma história do Cristianismo, clamava que Jesus fosse estudado como um homem (RENAN, 1862a). Bastou uma semana para que o Estado escutasse suas orações e o expulsasse dessa instituição.

Inconformado com a incapacidade do Estado em possuir a mesma neutralidade que a ciência (RENAN, 1862b), Renan escreve, à beira-mar, um artigo dedicado ao seu amigo de longa data, o químico Marcellin Berthelot (1827-1907). Esse escrito, anunciado a pensar as ciências da natureza e as ciências históricas (RENAN, 1863), proporciona um oportuno momento para algumas questões: por meio de quais leis e critérios as ciências puderam se tornar históricas? Como a própria disciplina histórica poderia se tornar uma dessas ciências no século XIX?

Segundo Renan, dentre os vários sentidos da história, um se destacava como verdadeiro, no qual ela seria entendida como o quadro do que podemos saber do desenvolvimento do universo. Todas as ciências estariam, dessa maneira, escalonadas por seu objeto em um momento da duração. Cada uma das ciências teria por “missão” nos “ensinar” um período da “história do ser”. A mais jovem de todas as ciências, a história, ensinaria, portanto, sobre o período mais recente do universo, o período histórico, período da humanidade consciente. Mas o universo, possuía outros períodos e a história, em seu sentido verdadeiro, poderia contribuir para que outras ciências estendessem os marcos temporais do nosso conhecimento. Pensando assim, o geólogo poderia se tornar historiador e explicar, pelas camadas geológicas, o lento e progressivo desenvolvimento da humanidade. Na astronomia sideral, as galáxias e a via láctea se tornariam documentos de uma história muito antiga, pré-terrestre. Inclusive Berthelot, com a química, poderia contar a história do mais velho período do mundo, a história da fundação da molécula – ora, ela também era fruto do tempo. Segundo



Renan, essas ciências que pertenceriam à ordem da realidade, seus respectivos objetos e períodos, eram regidos por duas leis: o tempo, como coeficiente do eterno vir a ser, e a tendência ao progresso (RENAN, 1863).

Berthelot não demoraria para responder, mas colocaria a discussão em outros termos (BERTHELOT, 1863). O químico marcaria a diferença das ciências localizando-as em dois “métodos” distintos: o “positivo” e o “ideal”. Desse modo, a “ciência positiva” estabeleceria “fatos” fundados, nunca de forma “incerta” e “obscura”, mas sim na “observação” e na “experiência”. Já a “ciência ideal”, envolvendo o “possível” e o “hipotético”, trataria de “causas primeiras” e do “fim das coisas”. Para o químico, as duas seriam legítimas, até porque toda a concepção de conjunto seria impossível sem a mistura de ambas.

Diante de tal proposta e entre todas as ciências, onde colocar a história? Segundo Berthelot, em um grupo “à parte”. As leis da história seriam mais difíceis de descobrir que as do mundo físico; a experimentação não interviria e a observação seria incompleta. Berthelot até aproveita, ao final de seu texto, para “conversar” com Renan:

*Vós sabeis melhor do que ninguém, por quais maravilhosos artifícios de adivinhação, apoiados sobre os indícios mais diversos, o historiador suplementa essa eterna impotência, e reconstrói, em parte pelos fatos, em parte pela imaginação, um mundo que ele não conheceu, que ninguém nunca voltará a ver* (BERTHELOT, 1863:457, tradução nossa).

Alguns anos mais tarde, em 1876, Renan afirmaria que muitas de suas ideias, advindas da íntima relação com Berthelot, eram como filhos que bem combinavam as características dos pais (RENAN, 1876). Nos anos seguintes, Berthelot dedicaria alguns de seus escritos à história da alquimia e da química.

Com a inspiração dessa relação, podemos consultar alguns dicionários franceses do século XIX. Neles, a palavra “amor” geralmente aparece como um sentimento do coração em relação ao objeto amável, amado e desejado (LITTRÉ, 1883). Renan, um dos amantes da grande missão do século XIX, um dos missionários da ciência histórica, enunciou inúmeras vezes um critério, um pacto de verdade: o amor à verdade como condição para a escrita da história. Quando esse amor gerou embaraços, Renan desembaraçou os métodos e limites do conhecimento histórico; quando esse amor veio com perdas, ele homenageou e consolidou cânones, conceitos, noções e vetos para o trato historiográfico; quando esse amor precisava de um tempo, Renan mostrou que a história também era regida pelo tempo, que os livros de



história também deveriam ser pensados como fatos e obras humanas. Com esses sentidos, é bem possível que Renan, em 1890, ao publicar suas reflexões a respeito do futuro da ciência, tenha conquistado muitos corações ao se declarar, da seguinte maneira:

*As ciências históricas e suas auxiliares, as ciências filológicas, fizeram imensas conquistas desde que eu as abracei com tanto amor, há quarenta anos. Mas vemos o seu fim. Em um século, a humanidade saberá mais ou menos o que ela pode saber sobre seu passado, e, então, será hora de parar, pois é próprio desses estudos, assim que atingem a sua relativa perfeição, começarem a se demolir (RENAN, 1890:XIV, tradução nossa).*

### Referências bibliográficas

BERTHELOT, M. La science idéale et la science positive. *Revue des Deux Mondes*, t. 47, p. 443-459, nov.-dez. 1863.

BREISACH, E. *Historiography: ancient, medieval & modern*. Second Edition. Chicago & London: The University of Chicago Press, 1994.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

CEZAR, Temístocles. Narrativa, cor local e ciência. Notas para um debate sobre o conhecimento histórico no século XIX. *História Unisinos*, vol. 8, n. 10, p. 11-34, jul./dez. 2004. Disponível em: <[http://www.unisinos.br/publicacoes\\_cientificas/images/stories/sumario\\_historia/vol10n8/07h\\_istorian10vol8\\_artigo01.pdf](http://www.unisinos.br/publicacoes_cientificas/images/stories/sumario_historia/vol10n8/07h_istorian10vol8_artigo01.pdf)>. Acesso em: 18 ago. 2011.

CHAVES, E., SENA, A. D. S. Nem gênio nem herói: Nietzsche, Renan e a figura de Jesus. *Revista Filosofia, Aurora*, Curitiba, v. 20, n. 27, p. 321-336, jul./dez. 2008.

DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. *As correntes históricas na França: séculos XIX e XX*. Tradução: Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

GAUCHET, M. *Les Lettres sur l'histoire de France* d'Augustin Thierry. In: NORA, Pierre. (dir.). *Les lieux de mémoire – II: La Nation*. 1. Héritage, Historiographie, Paysages. Paris: Gallimard, 1986. p. 247-316.

\_\_\_\_\_. (org.). *Philosophie des sciences historiques. Textes de P. de Barante, V. Cousin, F. Guizot, J. Michelet, F. Mignet, E. Quinet, A. Thierry*. Lille, Presses Universitaires de Lille, 1988.

HARTOG, François. *O século XIX e a História: O caso Fustel de Coulanges*. Tradução de Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro: Editora UFRS, 2003.



LANGLOIS, C.-V.; SEIGNOBOS, C. *Introduction aux études historiques*. Librairie Hachette, Paris, 1898.

LITTRÉ, E. *Dictionnaire de la langue française*. Paris: Hachete, 1883.

MONOD, G. *Les maîtres de l'histoire: Renan, Taine, Michelet*. Paris: C. Levy, 1894.

NIETZSCHE, F. A História no contexto das “ideias modernas”. In: NIETZSCHE, F. *Escritos sobre a história*. Apresentação, tradução e notas: Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2005. p. 341-342.

RENAN, E. [Nota sobre a morte de M. Augustin Thierry]. *Journal des Débats*, 23 mai 1856.

\_\_\_\_\_. M. Augustin Thierry. *Journal des Débats*, 5 jan. 1857a.

\_\_\_\_\_. M. Augustin Thierry. *Journal des Débats*, 7 jan. 1857b.

\_\_\_\_\_. *De la part des peuples sémitiques dans l'histoire de la civilisation*. (Discours d'ouverture du cours de langues hébraïque, chaldaïque et syriaque au Collège de France). 4 ed. Paris: Michel Lévy Frères, 1862a.

\_\_\_\_\_. *La Chaire d'hébreu au Collège de France*. Explications à mes collègues. 2 ed. Paris: Michel Lévy, 1862b.

\_\_\_\_\_. Les sciences de la nature et les sciences historiques. *Revue des Deux Mondes*, t. 47, p. 761-774, 15 out. 1863.

\_\_\_\_\_. *Dialogues et fragments philosophiques*. 4. ed. Paris: Calmann Lévy, Éditeur, 1876.

\_\_\_\_\_. *L'avenir de la science: pensées de 1848*. Paris: Calmann Lévy Éditeur, 1890.

RUDI, T. A. M. *A grande missão do século XIX e a escrita da história de Ernest Renan (1848-1863)*. 2014. 158 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis - Universidade Estadual Paulista, Assis, 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/121975>>. Acesso em: 17 jul. 2015.

SANTANIELLO, Weaver. Nietzsche's Hierarchy of Gods in the Anti-Christ. *Journal of Nietzsche Studies*, N. 19, Special Issue: Nietzsche and Religion (SPRING 2000), p. 89-102.

SHAPIRO, Gary. Nietzsche Contra Renan. *History and Theory*, Vol. 21, No. 2 (May, 1982), p. 193-222.

TURIN, Rodrigo. Uma nobre, difícil e útil empresa: o *ethos* do historiador oitocentista. *História da historiografia*, n. 2, p. 12-28, Mar/2009.